



Tríptico indica com vigor os caminhos futuros do teatro

Luiz Fernando Ramos

Dramas não dramáticos para reinventar o teatro. As peças de Richard Maxwell que integram a série de espetáculos “Tríptico” convergem com o projeto que Roberto Alvim vem desenvolvendo desde 2008 no seu Club Noir. Ambos os artistas tem em comum, além de serem dramaturgos e encenadores, a recusa a uma teatralidade convencional.

Maxwell é hoje, talvez, o mais radical dramaturgo norte-americano e um dos mais inventivos do mundo. Com sua companhia, a New York City Players, já encenou em diversos países 18 de seus textos desde 1996. Na contra corrente da tradição dramática que quer reproduzir a vida real no palco, ele acredita que a realidade da cena é incontornável e insubstituível. Quer dizer, o que é real é a encenação.

Alvim compartilha essa curiosidade pelas potências ignotas da cena e nos seus últimos trabalhos vinha radicalizando na exploração dos limites da representação teatral, por exemplo, utilizando cada vez menos luzes e movimentos. Agora, com essas três peças, ele avança nessa investigação, respondendo ao sistema dramaturgico desenvolvido por Maxwell com um modelo próprio e característico de encenação.

As montagens podem ser assistidas em qualquer ordem, mas têm em comum uma

combinação de opacidade dramática e verticalidade dos conteúdos que emana dos textos. No primeiro, “Burger King” o ambiente é uma lanchonete de *fast food*, no segundo, “Casa”, um núcleo familiar de classe média, e no terceiro, “O Fim da Realidade”, uma empresa de segurança. Nos três casos esses universos habitualmente tratados dramaticamente por meio de clichês e personagens rasos, reaparecem transfigurados, revelando relações interpessoais densas como os padrões de tratamento do realismo psicológico jamais alcançariam.

Essa característica da dramaturgia de Maxwell – como um Beckett que abandonando as abstrações retornasse ao cotidiano, mas mantivesse o rigor da linguagem, retirando o diálogo dramático do limbo e reinvestindo-o da capacidade de revelar o humano – é incorporada e amplificada pelo minimalismo da encenação de Alvim. Uma sintaxe de poucos e nítidos movimentos com iluminação mínima e fria, alternados por escuros totais e pontuados por irônicos micro-momentos musicais.

Também convergentes são os estilos de interpretação dos atores, tanto os praticados na companhia de Maxwell como os apresentados no “Tríptico” do Club Noir. Eles são, ao mesmo tempo, naturais e contidos, maquinais e

Luiz Fernando Ramos é professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP. Crítica publicada na *Folha de S. Paulo*, em 10 de julho de 2010.



sala p_reta

intensos, sem ênfase e agudos, e cumprem uma rigorosa partitura que serve ao conjunto com eficácia.

A luz criada por Alvim, toda feita de fios de luz fria, branca ou colorida completa com

precisão cirúrgica a operação de desmoralizar a teatralidade para salvar o teatro. Os espetáculos do Club Noir não devem arrebatam as massas, mas indicam, com argúcia e vigor raros no panorama atual, os caminhos futuros do teatro.

